

Recuperação maior para mais pobre

(Não Assinado)

A renda do trabalhador cresceu pelo segundo ano seguido, mas, para a média do País, ainda não foi possível recuperar o poder de compra de 1996, época em que o país ainda vivia o auge dos efeitos do Plano Real. As perdas de 2006 em relação a 1996 foram de 8,9%. Dados da Pnad mostram que a renda média do trabalho avançou 7,2% no ano passado, o maior ritmo de expansão desde 1995. O valor da renda média do país no ano passado chegou a R\$ 888, patamar idêntico ao de 1999.

Na prática, os 50% mais pobres foram mais beneficiados e recuperaram o poder de compra de 1996. O valor do rendimento médio dessa parcela da população, no entanto, era de R\$ 293, abaixo do salário mínimo do ano passado, de R\$ 350. Em 2006, o rendimento médio cresceu 8,52%. Já os 50% mais ricos da população, com renda média de R\$ 1.482, ainda não voltaram ao patamar de 2001, quando ganhavam em média R\$ 1.495. "O Brasil viveu uma fase de estagnação trabalhista, em todos os sentidos, de renda e emprego, que começa a ser superada. A queda da renda expôs a pior face dessa crise. Quando se olha o retrato do Brasil, a figura ainda é muito ruim, mas quando se observa a trajetória, verifica-se que houve avanço", diz Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas.

Desigualdade cai pouco

Apesar da expansão mais forte da renda, o IBGE avalia que o ritmo de queda da desigualdade ainda é "suave". Em 2005, a renda havia aumentado em 4,6%. O índice de Gini do trabalho passou de 0,544 em 2005 para 0,541 no ano passado. O índice varia de 0 a 1, quanto mais próximo de 1, maior a desigualdade. Desde 1993, não cresce a desigualdade no País. "Em que pese, ano após ano, os indicadores de distribuição de renda se mostrarem favoráveis, a velocidade é muito pequena frente à desigualdade no País", afirmou o presidente do IBGE, Eduardo Nunes.